

Minha boa Sibote

1

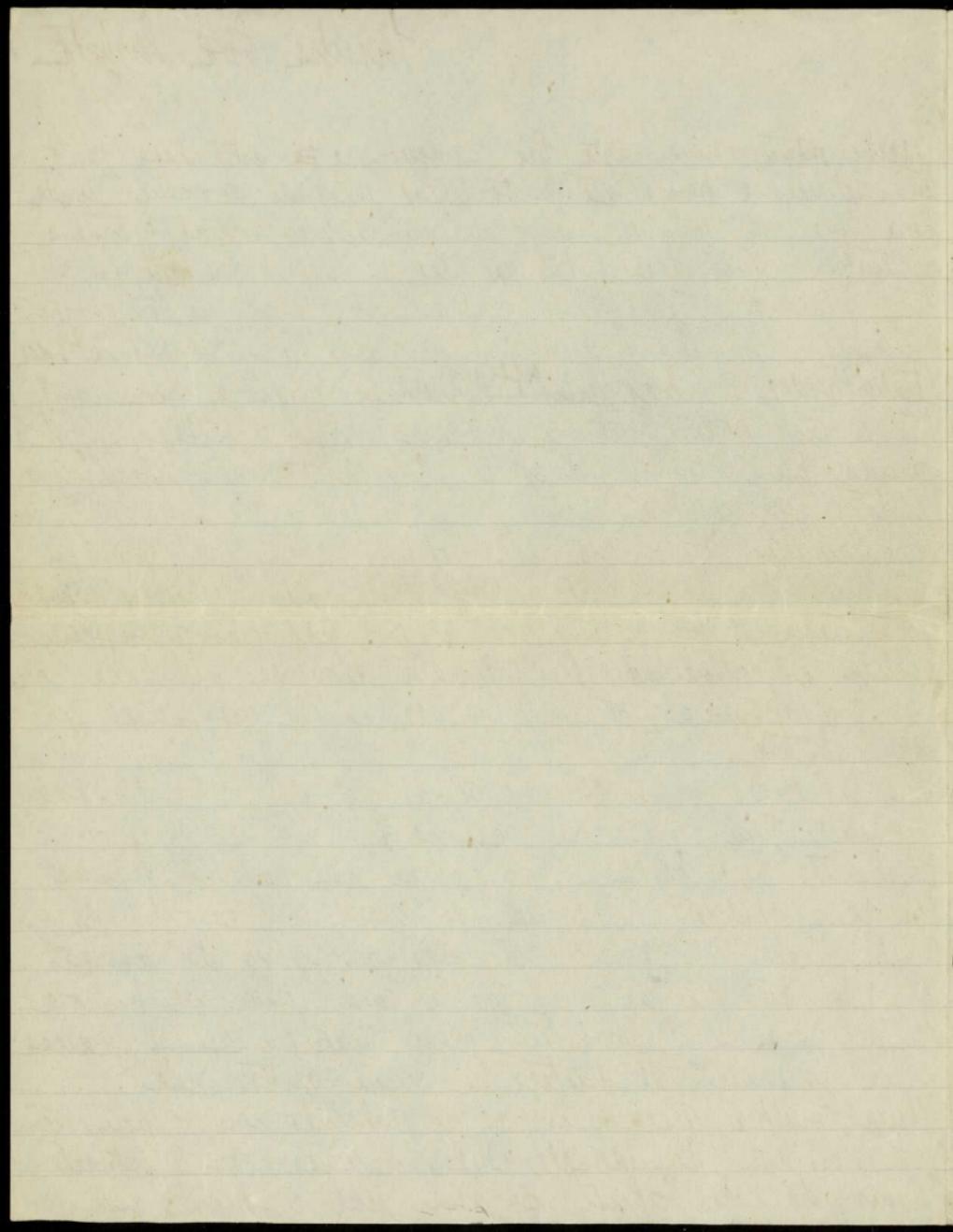
Bebi ontem uma carta tua. Confesso que fá estranhava já o tão silêncio e pensei até se te terias esquecido de mim. Ainda bem que me enganei. Algo de serio te preocupava e tomava o tempo. Vais casar! how calcular a alegria que me dá a tua felicidade! Falas-me, no entanto, pouco de seu noivo. Apontas unicamente uma malidade que em julgo essencial: ~~de~~ trabalho duro. Mas, estas ~~apenas~~ aparente porque é pobre como tu e não pode ter uma casa bem mobiliada... E, ainda para mais, dizes tu, "a casita que arranjamos é tão pequenina"...

Em primeiro lugar não é necessário ser de rico, para ser tu um ninho alegre e confortável. Luxo, móveis caros, exterioridades que custam muito dinheiro não significam beleza ou comodidade. A moradia simples, mobilada com conforto e elegância, atrai e prende a ela as pessoas que a habitam.

Muitas vezes, meu marido deixa de sair à noite, porque se sente bem na sua casinha?..

O quintal responde também, só passar em casa é hora de comida, sempre com pressa de sair... E a pobre da mulher vale-se porque não sabe o motivo da aversão que ele tem ao lar... E que a casa pode ser luxuosa, de móveis caros, mas tem mau conforto; é agreste, causa uma impressão de tristeza a quem entra nelas.

Uma mulher, deve preocupar-se sobretudo com o bem estar do marido. Quando ele chega a casa com o espírito amureado pela labuta do dia, deve encontrar nela



2

refúgio acolhedor que, com uma gentil e suave fada, o
transporte a um reino de paz e alegria.

Sou pois a afudar-te com alguns conselhos e arranjos a
tua casinha com pouco dinheiro e muito conforto. Irás te ha-
dando em cada carta que for conveniente, algumas ideias sobre
mobiliário. Principiaremos pela sala de fumar, que
pode ao mesmo tempo, ser de visitas, de trabalho etc.

As paredes ficarão lindas, forradas dum papel claro, com
flores ou frutos. Se as preferires pintadas numa cor só,
não ficam más. Mas nesse caso, deses renata-las com um
fundo escuro ~~mas~~ bonito. Nas paredes, apenas uma ou
duas gravuras que te pareçam belas e tranquilas. Evita o
amontoado de adornos inúteis, como retratos, folhinhas e
outros objectos que iriam dar à sala um ar antigo e vulgar.
nas panelas, duas cortinas de casa ou mousseline dadas
claridade e alegria.

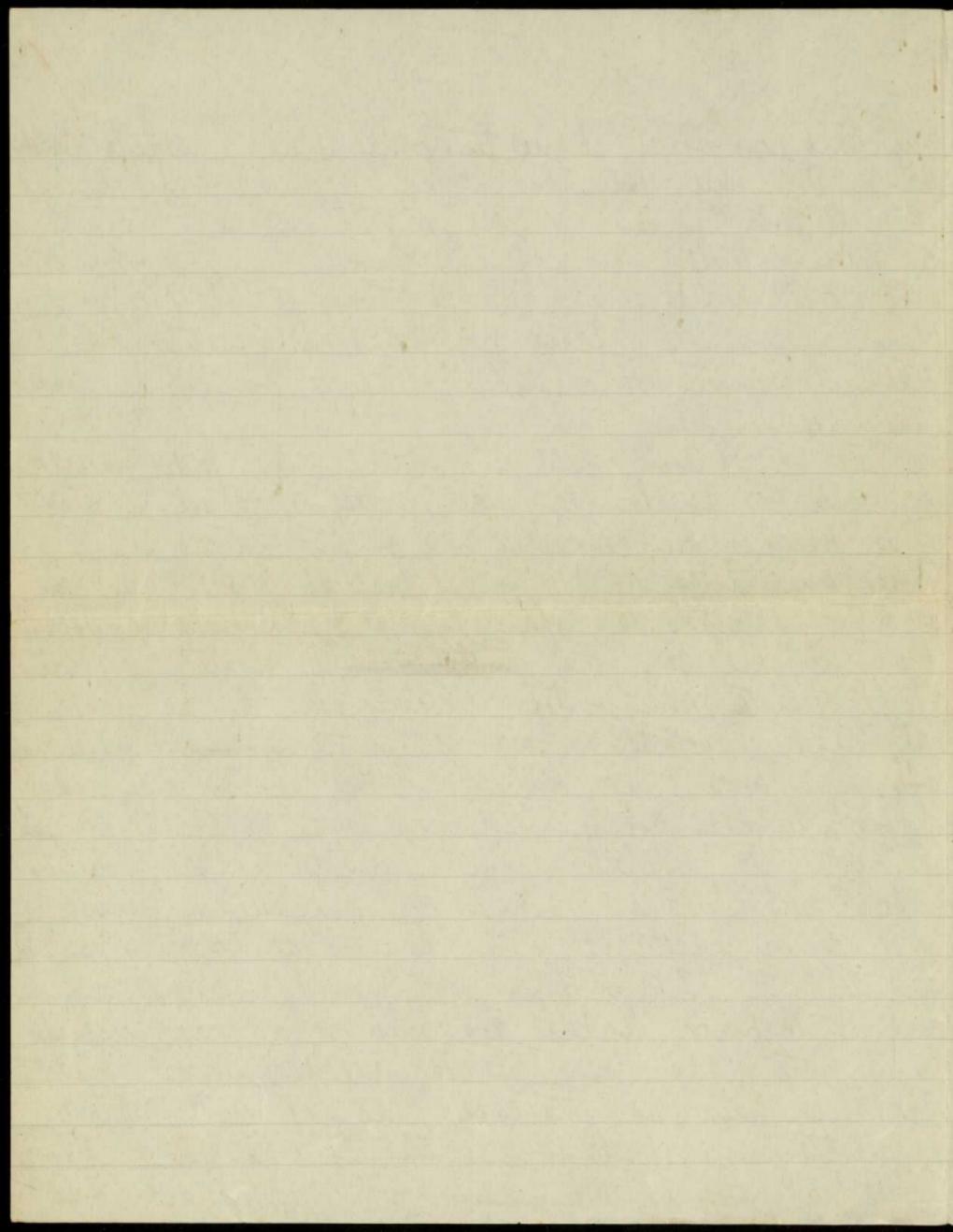
O quarto, coberto com uma simples esteira, torna-se mais
agradável e mais fácil limpeza que encerado ou pintado.
Um malacinho qualquer far-te-á novas roupas, como
ignais, por exemplo, aos modelos que te envio. Um deles
(fig. nº 1) é apenas uma mesa à qual se adaptam duas
prateleiras dos lados e uma outra em cima. Poderás alin-
rá-lo ainda mais se pintares, ou recortares quaisquer
desenhos do papel das paredes, pedaços até que te sobejem;
e, depois de colados passa sobre o móvel uma camada de
verniz víncoloz. Um pequeno candeeiro, cujo abajur-four tu
mesma podes fazer, com ~~alguns~~ alguns pedacinhos de seda

they were stored well and rebated
and the whole was a fine
specimen, though
it had been
in the
house
for
many
years.
The
specimen
was
well
preserved
and
the
whole
was
a
fine
specimen.

um vaso com flores, ao lado tu podes aplicar o mesmo desenho do morel, um cesto com frutas, algumas louças bonitas e aqui tens tu um lindo e práctico aparador que pode ao mesmo tempo servir de secretaria. Se mulheres ainda outro morel, podes escolher o do segundo modelo (fig. n° 2). Bons mais caros te ficará, pois como vés, é facilíssimo de fazer e enfeitar. Depende sóhetudo do bom gosto da dona da casa --.

Se não tiveres um gabinete para repousos, podes transferir tua cama dos ângulos da sala, num agradável canto onde descances ou converses com o teu marido --.

Dois bancos largos, de pés baixos, fazendo ángulo um com o outro, servirão de sofa (fig. n° 3). Depois de estofados por tu mesma com um ~~colchãozinho~~ e coberto com tecido barato, mas vistoito, colocarás sobre elle, ao lado, algumas almofadas modernas que tu ~~mesma~~ ^{mesmas} confeccionarás. Dos lados tem, como vés, uns caixotes onde ~~podes~~ colocarás diversas coisas. Por cima, uma prateleira haverá os teus livros predilectos, uma jarra com flores, bibelots &c. nas costas das cadeiras que rodeiam a sala, pequenas almofadas para maior comodidade dos que se sentem à tua mesa. E em cima desta, colhesta apenas por um grande mafalon bordado a branco ou a cores, colocarás um outro vaso para as tuas rosas. Nunca receias ter flores de mais na tua casa. São elas que lhe dão de imprestar grande parte do ar ~~romântico~~ e alegre que tu queres. E se não possuiras um jardim ou terraço onde possas



4

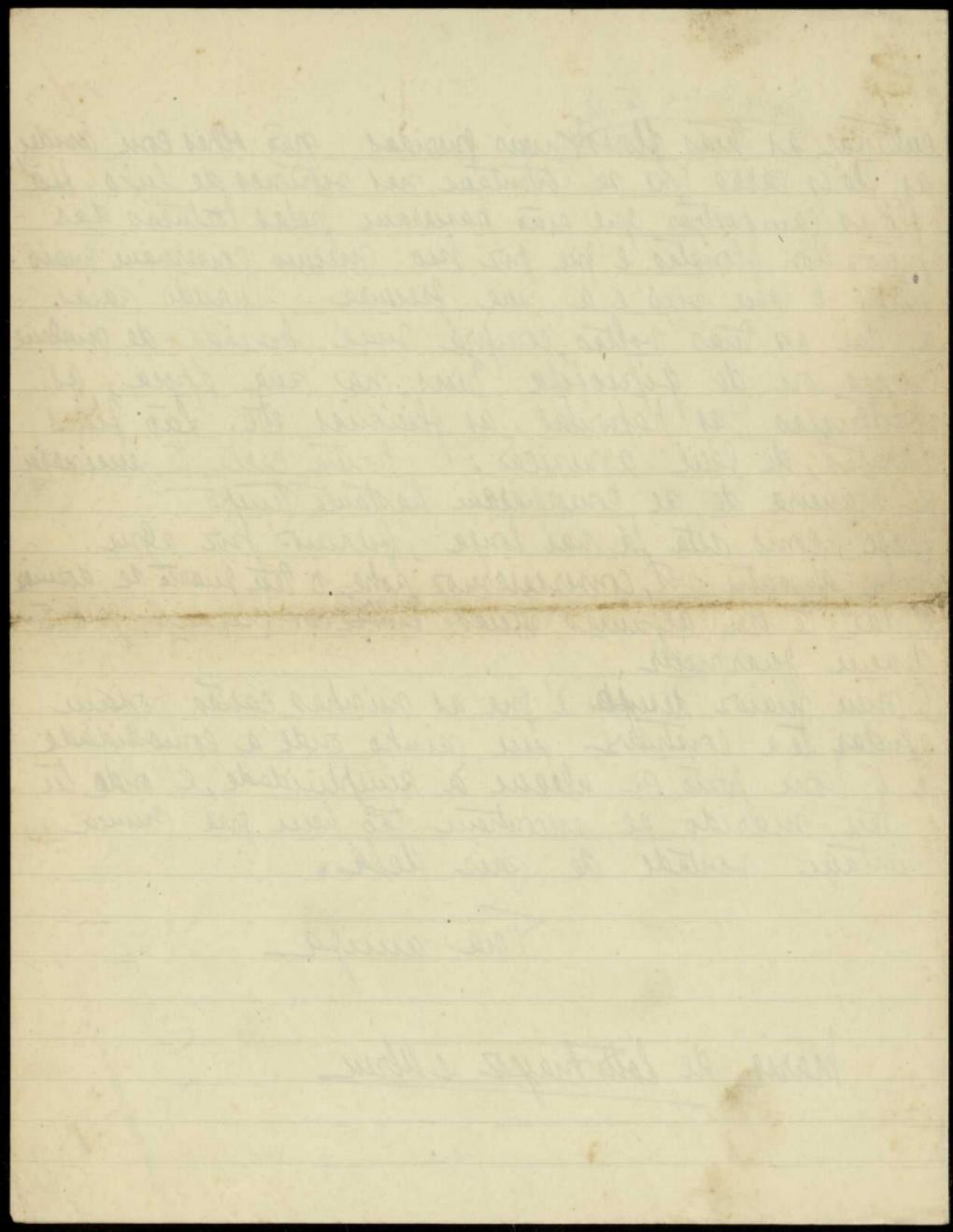
asquelas que te são
cultivar as tuas flores mais puridas, não olhes com avidez
as flores caras que se ostentam nos vitrines de luxo. Há
flores campesinas que não passaram pelas torturas das
mãos dos floristas e por isso mesmo conservam mais
tempo o seu vigor e a sua frescura. Quando saias
a dar as tuas voltas, compra uma brocada de malme-
queiros ou de gipsófila. Tens, na sua época, as
hortensias, as papoilas, as glórias etc. São flores
baratas, de fácil aquisição. Noutra carta te ensinarei
a maneira de as conservarem bastante tempo.

Hoje, como esta já vai longa, ficamos por aqui.
Para a outra vez, conversaremos sobre o teu quarto de dormir
e dar-te hei algumas ideias quanto Lotte estas noivas que o
deveu querer.

O meu maior desejo é que as minhas cartas possam
ajudar-te a construir um ninho onde a comodidade
é o bom porto se aleiem à simplicidade, e onde tu
e teu marido se encontrem tão bem que nunca
pintam vontade de sair dela.

Tua amiga

Maria de Lottotrayz e Abreu



(Carta a uma Portuense)

Minha querida Hermínia

1

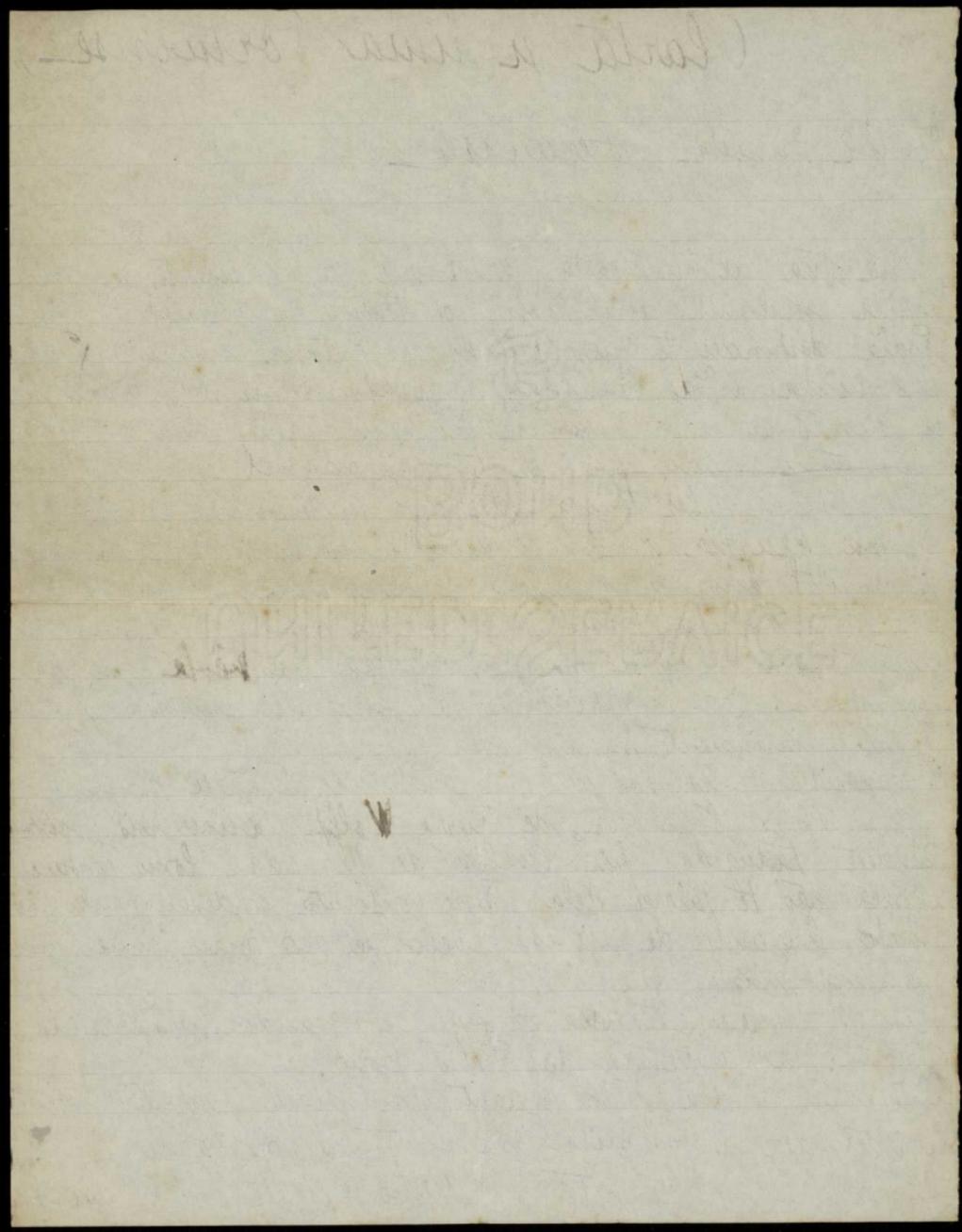
Na tua última carta pedes-me com insistência que te diga qualquer coisa sobre os teatros e cinemas de Lisboa. Podia responder-te que estando no Porto a Companhia Almeida Lobo e a do Nacional, devias reservar o teu pedido para quando ai se não fizesse tão bom teatro. Mas prefiro fazer-te a conta. Só te agradavel.

Como devês saber tensos entre nos a Companhia de Mimí Aguglia. Mimí Aguglia voltou a Portugal depois de muitos anos de ausência, determinante fomos eu e seu ex-detentor das suas estranhas faculdades. Parece, no entanto que o público não tem avorido a ~~esta~~ como era de esperar. Em compensação os teatros de revistas explotam diariamente...

Alexandre de Azevedo deu-nos na sua récita de hora a peça "Après l'amour", de Pierre Wolff e Duvernois, brilhantemente traduzida por Raquel de Almeida. Como conheces a peça, não te falarei dela. Em conjunto, o desempenho foi soberbo. Alexandre de Azevedo revelou-se-nos mais uma vez o exímio artista que é.

Reservos justamente para o fim a grande atração da semana: a abertura do Teatro Novo.

Este dia a dia, tudo quanto me dizia respeito. Lembra-te, interessa, a polémica que se travou na "Tarde" a propósito dele. E viu até o último bilhete postal que ficou



seu resposto. A sua sinceridade recta de provinciana está
nos silêncios. Mas a vida é assim...
Famou os "Knock". A peça não me agradou. Talvez
porque sou mulher e não fala à minha sensibilidade.
Uma peça onde não há conflito de paixões ou de
ideias, pouco pode interessar. E depois, não é absoluta-
mente nova. "Knock" está muito distante daí. Pôr
conta a medicina e, essa, moderníssima: "O dile-
ma do médico" de Bernard Shaw. Mas aqui pôr-
mos, te digo que ~~Bernard Shaw~~, não disputa a hora-
de ser admirado em Portugal; talvez por alguns
menores de opiniões desonorem a língua
inglesa...

Joaquim de Oliveira, tirou da pena de Ryles
Romaui o máximo que se podia tirar.
A pena está interessante. José Pachas, decorou-a
com modernismo, com bizarraria. A meu ver, é elle
quem merece a maior admiracão.

Íñacio Eloy pintou o painel de abertura dos bailados.
A pintura é um requinte de futurismo, mas do
futurismo que não irrita, antes pelo contrário, encanta.
Dando fôim ao espetáculo - apresenta-se nos Bloco-
cio-bailarinos portugueses. São calculas as divergências
que a sua arte tem originado. Eu gostei.

E' um refinado esculptor de si próprio.
Há bailados que requerem a fragilidade e a beleza
feminina e por isso nos agrada mais nas danças
em que melhor se sente:
No ~~espectáculo~~, realizados com pitoresco e alacridade

(100)

^{flair}
Em "l'âme de l'âme" de Debussy, partitura maravilhosa que ele utiliza altamente com grande expressão e belas intenções. Mas o público, em grande parte, não lhe deu os aplausos merecidos. O artista teve a desdita de se apresentar tal qual é — português. Se aparecesse no cartaz com um nome estrangeiro, tento a certeza de que o ovacionariais com entusiasmo. E' triste dizer-se mas é a verdade... E, se tu que facto curioso: na mesma casa de espetáculos, a alguns passos de distância, deram-se com diferença de dias, dois casos sensacionais. No palácio dos Tívoli, o Knock. No "écran" do cinema ~~edifício~~ o "film" a "Desumana". Fato raro, foi, malgrado coisa de belo, de inédito. "A Desumana" é desempenhada por grandes artistas como Georges Leblanc, criadora das obras de Maeterlinck, por ~~Hugo~~ ~~que~~ Jacques Latelain e outros artistas de valor. Marcel L'Herbier, revelou-se o maior encenador moderno. Sózinho mostrava-nos que se pode fazer malgrado coisa de transcendente na cinematografia. Na verdade, este film, bigarro, com traços de cubismo, é a expressão modernista mais avançada.

O divergiram também as opiniões do público. Pessoas há que entendem que o cinema não deve acompanhar o tempo na sua evolução. E atemorizam-se, gritam contra quem pretenda realizar obras como "A Desumana". Mas há outras

900

4

c, estas, felizmente em maior número, a quem
não basta o que se tem feito. A sua sensibilidade
exige-lhes novos ritmos, novas formas, vi-
brações novas.

Gostaria que o Teatro Novo se tivesse inspirado
nas linhas de arte que a "Desumana" nos
descritivam.

Uma amiga

Maria de Lotto. Major

P. f.: O seu espírito irrespiroto e insatisfeito
vibraria contente com a "Teia de aranha
de Starevitch", o criador de fénix dos bone-
cos animados que já nos deu essa maravil-
hosa de fantasia "As raias pedem para Rei".

A Expertezza do compadre gallo

Era uma vez um gallo muito bonito, com rumas penas muito amarelinhas, que vivia numa casa, no meio do campo, com a sua mulher que se chamava Brinquinha. Os dois viviam muito felizes e contentes sem temerem a comadre raposa. De facto, esta, que se fazia sentir por toda a parte, destruindo as capoeiras e matando os seus habitantes, nunca tinha aparecido por ali, talvez com medo do compadre cão que morava perto deles.

Um belo dia o compadre gallo e sua mulher, foram dar um passeio pelo campo e à noite quando chegaram a casa viram na terra destruída. Ficaram muito aflitos e foram ter com o compadre cão. Mas na caminho, encontraram uma galinha que também muito aflita lhes contou que o cão fora para uma festa e a raposa viera ali e destruíra a maior parte das casas daquele pátio. O gallo ficou muito indignado e resolveram ir ter com o rei para pedir o castigo para o compadre cão pois era este o único responsável pela grande desgraca visto ester encerrado de guardar aquele reino.

A galinha associou-se a eles e lá partiram os três. Adiante encontraram um casal de patos que também pelo mesmo motivo se dirigiu para a corte. E mais adiante ainda uma família inteira

UNITED SERVICE

PART



ra de perus e alguns gansos, dirigiam-se também para lá. Juntaram-se todos e foram andando, andando até que chegaram à côte. Bateram à porta e o criado que meio abriu, quando viu aquela multidão desatou a correr & a gritar que vinha um povo inimigo invadir o reino.

O rei quando tal ouviu mandou preparar as tropas para irem ao encontro dos invasores.

E estes muito admirados, sem saberem porquê é que o criado desatara a fugir quando os vira entravam tranquilamente que os mandasse entrar. Daí a pouco ouvia-se um grande troquel e apareceram todos os seus soldados, armados até aos dentes. E iam fazer fogo, quando o falo lhes gritou:

Alto lá! Iós não vieram aqui para combater mas sim para pedir justiça! E contou o que lhes aconteceu. Mas o rei em lugar de fazer o que eles pediam ficou muito indignado pelo custo que tivera e ordenou aos soldados que prendessem a todos e os metessem na cadeia.

Mas o falo no meio daquela confusão, conseguiu escapar-se e meter-se atrás dumha pedra.

Depois de todos irem embora, pensou na melhor maneira de libertar a mulher e os companheiros. Matutou, matutou e resolveu ir bater à porta do palácio. Veio abrir-lhe um outro criado porque o primeiro estava de cama com o resto que apanhara.

39

(1)

25

50

25

30

25 30 35

(2)

Oferceu-se para criado do rei. Admitiram-no e des
tinaram-no para o serviço da princesa. Havia
passado uma semana, quando o Jalo soube que
o Rei resolvera mandar matar todos os príncipes da corte.
Ficou muito aflito e resolveu salva-los a todos uns.
E à noite, quando a princesa, que ainda era pequena, dormia, ele foi ao quarto dela e trouxe-a
lá para fora. Depois foi esconde-la numa casa
perto do palácio e onde ninguém ia porque diziam
que aparecia lá todas as noites um fantasma.
No dia seguinte, quando deram pela falta da
princesa, todos ficaram cheios de aflição. O rei,
esse então chorava que metia pena. E anunciar
que daria a mão da princesa a quem a desvobris-
se. O Jalo não ficou lá muito contente com
a oferta. Preferia outra coisa. Para que queria a mão
da princesa, se ele já era casado? E depois queria tanto
bem castigar sua filha o mau rei, que, em vez de
fazer justiça como era de sua obrigação, praticava pelos
contrários as maiores injustiças. Foi ter com o rei
e protifícione-se a procurar a princesa, se ele lhe
concedesse três pedidos. O rei acinse lhe prometeu
mas disse-lhe que se voltasse seu a filha lhe cortaria
no mesmo instante o pescoço. Bonfadre Jalo partiu
e como só ele sabia onde estava a princesa foi
busca-la e mais que depressa correu com ela para
o palácio. Quando lá chegou todos ficaram muito
contentes. Mas o rei fazendo-se inconsciente do que prometeu

UNITED SERVICE

teria, não lhe falava nos três pedidos. Mas o ladrão
galho é que não esteve com meias medidas e disse
diante de todos. Vossa Majestade prometeu conceder-me
três pedidos e por consequente não pode voltar com a
palavra atrás. O primeiro é: Dar liberdade aos
presos que tão injustamente estão na cadeia :
Segundo: colocar na nossa terra um guarda mais vigi-
lante de que o que temos. Terceiro: dar a cada um de
nós um pão de dinheiro para reconstruirmos as
nossas casas. O rei bem queria asseigar-se que
não teve remédio senão obedecer ao confadre falso.
E este quando se viu a saída da sua terra com
os companheiros e ainda um pão de dinheiro ~~ainda~~ ~~que~~
ele parecia mentira. Se não fosse o seu arrependimento
teriam morrido, porque o rei mais uma vez mostrou
o seu desprezo e o seu ódio pelos pobres vassalos.

Mas foram depois todos muito felizes, porque o
novo guarda nunca abandonou o seu posto e
a raposa não mais se atreveu a atacá-los.

F

María de Lotte Mayor e Abreu

1810

P.º Jautio

PRESIDÊNCIA & R.
DO CONSELHO

SECRETARIADO NACIONAL DA INFORMAÇÃO, CULTURA POPULAR E TURISMO

LIVROS

Artigo de
livros

Exmo. Sr.
Chefe da Delegação do Jornal
"PRIMEIRO DE JANEIRO"

L I S B O A



para dar as
autógrafos

